

# A TRÍADE DE LAZER DE MULHERES CAMPONESAS DO MEIO RURAL DE JÓIA (RS): ATIVIDADES RELIGIOSAS, REDE DE VIZINHANÇA E FESTAS COMUNITÁRIAS

---

**Maria Simone Vione Schwengber**

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí

E-mail: simone@unijui.edu.br

**Náira Letícia Giongo Mandes Pinheiro**

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí

E-mail: nairaleticiagmendespinheiro@gmail.com

**Resumo:** Este artigo parte de uma pesquisa mais ampla que realiza um diagnóstico situacional das experiências de lazer de um grupo de mulheres camponesas<sup>1</sup> do município de Jóia (RS). Do conjunto das experiências de lazer, destacaram-se as experiências religiosas, a rede de vizinhança e as festas comunitárias. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa e trabalhamos a partir das análises discursivas das entrevistas. Dessa forma, observamos que, através das experiências religiosas, muitas mulheres rurais conseguem uma participação que as encaminha para a vida comunitária mais ampla e contribuem para certo protagonismo das mulheres. As experiências religiosas são nomeadas pelas mulheres como experiências de trabalho e de fruição, em que se conjugam o tempo livre, o trabalho, o lazer. A rede de vizinhança promove o contato com a família, amigos e vizinhos, sendo uma manifestação de lazer, que se resume em um ciclo íntimo, em que o convite para a quebra da rotina é encargo da mulher; é ela quem alimenta as relações familiares e as amizades dentro da família. As festas comunitárias se afirmam como valor social – amplo compromisso com a comunidade quando se é festeiro(a) – e, ao mesmo tempo, lugar de fruição (lazer) e de trabalho.

**Palavras-chave:** Mulheres camponesas; Lazer; Meio rural.

**Abstract:** This article is part of a broader research that makes a situational analysis of the leisure experiences of a group of peasant women from Joia (RS). Of all leisure experiences stood out religious experiences, the neighborhood network and community parties. Methodologically, the research is characterized as qualitative and was worked from the discursive analysis of

---

1 O termo mulheres “camponesas” surgiu para substituir a antiga denominação de mulheres rurais, uma vez que esse termo engloba as diferentes atividades exercidas por elas no campo, tais como: agricultoras, assalariadas rurais, atuantes no trabalho familiar e da produção de alimentos.

the interviews. Thus, was viewed through the religious experiences that many rural women get a participation that forwards them to the wider community life and contribute to certain leadership of women. Religious experiences are named by women as work experience and enjoyment – that combine free time, work, leisure. The neighborhood network promotes contact with family, friends and neighbors being a recreational event, which is summarized in a close cycle, in which the invitation to the routine break is women's charge; it is she who feeds the family relationships and friendships inside family. Community parties assert themselves as a social value – wide commitment to the community when you are partying – and at the same time, a place of enjoyment (leisure) and work.

**Keywords:** Peasant women; Leisure; Rural areas.

## Apresentação

### Palavras iniciais

Olha, eu acho que lazer se a gente tá bem na vida, tu já tem um lazer, vamos dizer assim, não é só a gente ir lá e se divertir, porque se a gente ta feliz sentado na tarde, por exemplo, sentado na sombra tomando um chimarrão, isso já é um lazer, então eu acho a gente estando bem, a família estando bem, não precisa grandes coisas (Zenaide, 39 anos).

Lazer é tu pegar o teu tempo e aproveitar, tanto fazendo exercícios físicos, quanto dançar, cantar, passear, tudo é lazer (Liselena, 41 anos).

Entrevistadora: O que você identifica como teu lazer?

Leitura, ultimamente eu tenho lido bastante. Mas acho que o lazer é poder sair, fazer algum tipo de atividade física, recreação, é ter uma coisa mais coletiva, eu não considero como lazer. Seria uma atividade que eu esteja fazendo pra eu ocupar meu tempo, mas se eu quisesse fazer lazer, seria jogar bola, sair na comunidade, passar uma tarde fazendo atividades diferentes, relacionada tanto ao convívio coletivo quanto individual” (Maria Helena, 51 anos).

A ida para igreja é o nosso maior lazer porque lá cantamos, conversamos, fizemos evangelização, temo um convívio grupal, a amizade, convivemos com os outros, recebemos as bênçãos, ouvimos a palavra, cantamos muito, nos emocionamos com os cantos e as parábolas” (Dalila – 57 anos, Janete – 46 anos, Irma 75 anos, Roseli – 39 anos, Cleusa – 46 anos).

A partir do contexto rural e das narrativas apresentadas, lançamos a seguinte pergunta de pesquisa: como as mulheres camponesas vivenciam as experiências de lazer no meio rural?

Iniciamos nossa investigação<sup>2</sup> a partir de um inquérito na direção de mapear as experiências de lazer de um grupo de mulheres rurais. A pesquisa de campo se dá na região do Planalto das Missões do Estado do Rio Grande do Sul, especificamente na região noroeste, pertencente ao Território da Cidadania do Noroeste Colonial. Escolhemos realizar o estudo em Jóia/RS uma vez que este foi um dos municípios brasileiros que teve o maior aumento na população rural<sup>3</sup> nas últimas duas décadas em consequência de oito assentamentos da reforma agrária<sup>4</sup>.

2 Esse estudo desdobra-se de uma pesquisa de campo aprovada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico que está sendo realizada no transcorrer de dezembro de 2012 a dezembro de 2014.

3 Conforme dados do IBGE (2010), a população total do município de Jóia é de 8.331, sendo que a população rural é de 74,9%, num total de 6.158 pessoas, e a população urbana é de 25,1%, num total de 2.219 pessoas.

4 É uma cidade que se destaca no estado por acolher seis assentamentos e dois reassentamentos agrários. São eles: Barroca, Ceres, Rondinha, Novo Amanhecer, Santa Tecla, Trinta e Um de Maio, Tarumã e Simon Bolívar, compreendendo em torno de 704 famílias assentadas.

A escolha das mulheres<sup>5</sup> camponesas como sujeitos da pesquisa se constitui como um exercício político de dar visibilidade à vida e às experiências em relação às de lazer. Como elemento fundante das análises aqui erigidas, utilizamos como metodologia a pesquisa de caráter qualitativo. E assim, depois deste inquérito inicial, compomos uma entrevista em profundidade a partir de blocos temáticos: características sociodemográficas delas e da família; trajetória até chegar aos assentamentos, forma, deslocamentos, uso do tempo livre e de lazer, os cuidados consigo e com o seu semelhante, entre outros desdobramentos. As gravações foram transcritas e depois sistematizadas e analisadas pelo método de análise do discurso.

A análise de discurso, a partir Michel Foucault (2010), é uma linha de investigação que toma as narrativas/depoimentos (falas) por objeto textos que são, ao mesmo tempo, nomeados como discursos. Os discursos são “efeito de sentidos” (FOUCAULT, 2010). Podemos estudar, destacar e pontuar os sentidos que existem nos próprios discursos e percorrer os diversos procedimentos que o cerceiam; apreender seu domínio. Aqui, o que interessa são as experiências de lazer das mulheres: como se construíram, por quais estratégias, como se afirmaram. Nos termos foucaultianos, interessa discutir a vontade que as conduz e a intenção estratégica que sustenta as experiências de lazer.

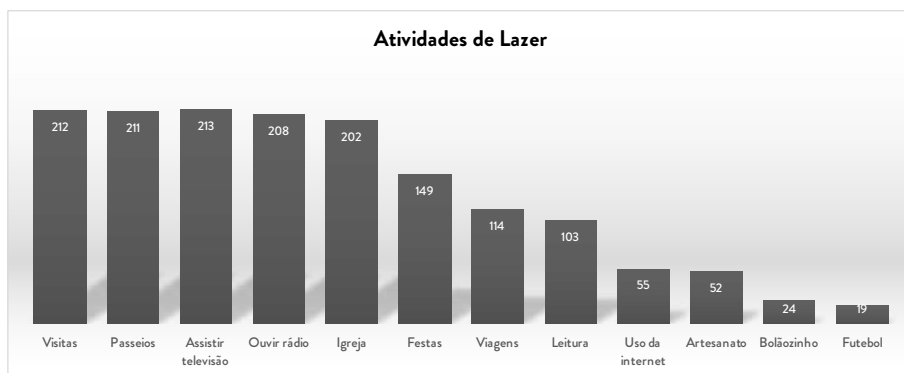
## **Perfil das mulheres**

Trouxemos aqui o perfil de todas as 223 mulheres entrevistadas, sendo 56 evangélicas e 167 católicas. Considerando o nível de escolaridade, apenas 12 estudaram o ensino superior e 42 concluíram o ensino médio; as demais, que correspondem a 169 mulheres, estudaram o ensino fundamental. Quanto ao estado civil das 223 mulheres, 187 são casadas (83,85%), 20 são solteiras (8,96%), 11 são viúvas (4,93%) e 5 divorciadas (2,24%). Das entrevistadas, 20% são beneficiárias do sistema do sistema de aposentadoria rural. Todos os dados levantados nas entrevistas nos mostram que elas se dedicam exclusivamente ao trabalho doméstico e à agricultura, com exceção de 15 mulheres que são funcionárias públicas ou domésticas que exercem sua função concomitante ao trabalho de casa.

As 223 mulheres mapeadas permitiram, a partir de seus relatos, a elaboração de um gráfico que destaca as principais experiências de lazer; como se vê no quadro abaixo, salientamos que uma mulher pode desempenhar mais de uma atividade no tempo livre.

---

5 Optamos por utilizar expressão “as mulheres”, baseada em Louro (1996) e Meyer (2003). Concordamos com as autoras quando estas dizem que não há a “mulher”, mas sim as mais diversas “mulheres”, e que aquilo que forma a pauta de reivindicações de umas, não necessariamente forma a pauta de outras.



De acordo com os dados da pesquisa, percebemos que o tempo da mulher, em geral, está atrelado à programação e à organização da vida de outras pessoas: filhos(as), cônjuges, netos(as), vizinhos(as) e com o envolvimento comunitário.

A família no meio rural estudado é entendida como uma unidade social e cultural e não apenas como uma unidade produtiva. Partindo da análise do meio e das respectivas mulheres estudadas, a vida destas mulheres camponesas vai afora dos meios de produção, o qual é visto como lugar para morar, lugar para aprender, lugar para o lazer, enfim, lugar para viver bem, no sentido de ampliar o significado social do rural.

O meio rural não é apenas uma demarcação territorial, que divide a cidade e o campo – servindo para delimitar os espaços urbanos e o rural – mas, antes de tudo, é a própria constituição de uma marca identitária; “nós do meio rural” – onde os que nele habitam se identificam, se sociabilizam, criam laços afetivos e sentimentos de pertencimento.

### Experiências religiosas

As experiências religiosas parecem afetar de modo peculiar e especial as mulheres no meio rural estudado. São elas que estão muito mais envolvidas e ao alcance dos discursos religiosos. As mulheres estão mais sensíveis a cultivar as experiências religiosas.

Seguindo a ordem de relevância, observamos que 202 mulheres, num universo de 223 mulheres estudadas, apresentam a ida à Igreja como uma das suas principais práticas de lazer. Esta articulação da tríade mulheres, lazer e religião foi contingencial. Como afirma uma das mulheres “Lazer? É mais a Igreja mesmo. Adoro ir na Igreja” (Janete, 46 anos).

A literatura sócio-antropológica tem frequentemente salientado que as mulheres são, no Brasil, as mais sensíveis às atividades no campo da experiência religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso.

○ engajamento religioso reforça a autoestima das mulheres e relativiza a presença feminina no espaço público. Esta participação produz certa autonomização, dá ênfase aos valores do indivíduo, favorece a adoção de uma visão feminista que conduz a uma redefinição do seu lugar como mulheres no mundo e uma crítica do machismo em geral e do catolicismo oficial. A mulher inverte simbolicamente sua posição na hierarquia de gêneros, adquirindo uma superioridade moral frente ao grupo comunitário (MACHADO, 1994).

○ envolvimento nas experiências religiosas das mulheres camponesas estudadas ocorre até três vezes na semana e se dá por um conjunto de atividades como: ir a igreja, às missas, aos cultos, às novenas e aos chamados shows da fé, organizar as celebrações, rezar, refletir sobre o evangelho, a Bíblia e praticar a evangelização nas circunvizinhas. Elas se envolvem também nas feitura das festas religiosas, nas visitas aos idosos da comunidade que estão doentes e num conjunto de atividades comunitárias de caridade e outras, como sepultamentos das pessoas da comunidade.

As mulheres camponesas referenciam as práticas de lazer religioso, como lugares, ao mesmo tempo, de trabalho e de fruição, em que se conjugam o tempo livre, o trabalho e o lazer. Trouxemos aqui o depoimento discursivo de Roseli (32 anos) que diz que participar das atividades religiosas é:

(...) é uma ação de fé, a gente colocar as duas coisas perto, o trabalho, o amor as coisas de Deus, tira um tempo de dedicação à espiritualidade e ao lazer (...) Tem muitas pessoas que se esquecem de buscar a Deus e se concentrar na igreja, aqui nós, as mulheres, não; nós temos esse costume, esse hábito já faz muitos anos, de cuidar da nossa vida religiosa e dos nossos filhos, por isso levamos os filhos sempre juntos.

### **Rede de vizinhança**

As mulheres no meio rural são responsáveis por várias tarefas, e dentre essas arriscam destinar um tempo às experiências de lazer. Mesmo com dificuldade no entendimento conceitual de lazer, existe no meio estudado a quebra da rotina, as mulheres camponesas ainda valorizam a não sujeição ao cumprimento de horários, a vida familiar, o dar e receber visitas, o contato com a natureza, a fartura de alimentos, a vida em comunidade, o saber fazer. Assim, o trabalho, natureza e vida, ao contrário de adversos, constituem um diálogo de união.

Como analisamos na fala da entrevistada:

Entrevistadora: Você tem algum entendimento por lazer? – Vai do que cada um gosta de fazer, acho que aqui nós já temos alguns lugares que promovem o lazer, tem muitos que gostam de jogar bola, outros gostam de jogar baralho, tudo por uma atividade de se encontrar, agora temos o campo, o ginásio que proporcionam das famílias se encontrar, vão no rio acampar. Mas o lazer de forma organizada ainda não se tem, pra todos os gostos por exemplo. Mas tem as oportunidades de se encontrar, de fazer algo diferente, e tem muitos lugares bonitos pra isso aqui, talvez ainda não estejam cuidados da forma certa para essa finalidade, pois as pessoas não enxergam isso como um lugar para o lazer. (Rosi, 41 anos).

Observamos que são os lares, os seus arredores, a família, os vizinhos, enfim o conjunto de amizades que ali nesse meio se fortalecem, que constituem a rede de sociabilidade. É ainda nestes que ocorrem os “jantares, os jogos de cartas, o chimarrão à tardinha na sombra das árvores” (como relata a entrevistada Ze-naide, 39 anos). É nesses espaços que a conversa íntima fica “guardada”, que a angústia se desfaz e a alegria é percebida em afazeres e atitudes minúsculas. É esse vínculo afetivo, portanto, que une e faz com que o contato destas mulheres se torne quase diário e como um modo de quebra da dura rotina.

Entendemos o lazer, a partir de Elias e Dunning (1992), como aquelas atividades que dão oportunidades às pessoas de experimentarem uma relação social de forma individual e coletiva. Há contatos sociais que produzem certo proveito entre esta vizinhança, nas trocas de palavras, de informações (rodas de conversas), que dão a sensação de existir, de ser conhecido, reconhecido, apreciado, estimado. Os vizinhos se tornam, no meio rural, figuras mais do que importantes no convívio social.

Elias e Dunning (1992) definem algumas categorias que se relacionam às práticas de lazer no tempo livre. Dentre elas, citamos a sociabilidade que não é trabalho, mas a “esta categoria pertencem atividades que se relacionam com o trabalho, assim como outras que não estão relacionadas ao trabalho, tais como ir a um bar, a um clube, a uma festa, falar de futilidades com os vizinhos, estar com outras pessoas sem fazer nada de mais, como um fim em si mesmo” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 109).

A sociabilidade construída cotidianamente no meio rural estudado compõe-se de diversos atores sociais (crianças, adolescentes, adultos), esses participam de várias atividades em conjunto, principalmente quando elas estão voltadas para o lazer. Destacamos sobretudo o envolvimento da mulher camponesa, nesse sentindo partilhando a conversa, o jogo de carta, a troca de receita. Percebemos que a vizinhança é uma das formas mais estreitas de sociabilidade.

A sociabilidade é uma categoria que possibilita compreender a relação entre esferas da vida cotidiana e do trabalho, simultaneamente, tanto no que se refere às suas formas (redes de indicação, equipes de convivência no trabalho e na rua, por exemplo) quanto ao conteúdo (interesses, finalidades, desejos dos indivíduos). Para Simmel (1983), a sociabilidade é abordada pela ótica do prazer que a associação proporciona entre membros de uma mesma classe social. O autor a define como uma forma de existência social liberada de todos os laços.

A dinâmica dos encontros sociais entre vizinhos interfere na vida e na construção da rede de vizinhança e de sociabilidade, influenciando a memória das camponesas, as rodas de chimarrão, os churrascos, os almoços, os divertidos jogos de cartas. Alguns encontros são chamados de “junta panela”, sendo realizados por um círculo de amigos e vizinhos, onde cada um fica encarregado de um ingrediente ou um prato para a formação da refeição. Alimentos como risoto, churrasco, cuca, doces, entre outros alimentos, marcam os momentos de quebra da rotina e do trabalho. Para Woortmann (1985), a comida, enfim, para além da sua materialidade, fala da família (modelo de organização familiar) e de relações sociais.

As mulheres camponesas estudadas têm papel central no que diz respeito ao lar, ao cuidado com a família e com companheiro. É ela quem alimenta as relações comunitárias e envolve a família nas relações de proximidades entre vizinhos, fatores que ainda hoje se manifestam em grande parte neste grupo de mulheres.

Pode-se dizer que a figura feminina é construída para o ouvir, o entender, o comunicar-se. E, ainda, que as mulheres pesquisadas têm o dom das palavras suaves, são calmas e se expressam com delicadeza.

### **Festas comunitárias**

As festas nos assentamentos rurais de Jóia/RS, na grande maioria, obedecem ao calendário de feriados religiosos da Igreja Católica, da escola, associação, sendo organizadas por membros da diretoria<sup>6</sup> e do CPM (Círculo de Pais e Mestres). Estas festas comunitárias são um espaço de lazer para a comunidade, os organizadores e os participantes. Assim, os tempos de trabalho de uns são os tempos de lazer de outros, porém parece que “ser os festeiros, ou as festeiras” é também uma espécie de viver o lazer.

---

6 Esta diretoria é escolhida por votação e é composta pelos membros que organizam e trabalham antes, durante e depois das festas. Destacamos também o trabalho dos casais nessa diretoria.



Dumazedier (2001) afirma que o repouso que entendíamos muitas vezes como lazer foi substituído por uma diversidade de novas atividades (...), sobretudo na esfera das ações sociais. Estratégias como as festas potencializam certo fortalecimento dos laços comunitários, vitalizando-se e criando níveis de confiança, de participação, de cooperação. Assim, este modo de lazer vai se constituindo em práticas pedagógicas diferenciadas por meio de aprendizagens, de sociabilidades, de convivência, de partilha. Estas ações das festas comunitárias, nomeadas como de lazer, partilham experiências comuns, reforçando muitas vezes o espírito de pertencimento comunitário. As festas são elementos que definem a solidariedade que liga os moradores a determinada comunidade e espaço, atividades que ultrapassam o espaço familiar.

As posições sociais locais interferem nas práticas dos grupos, sendo, muitas vezes, a manutenção de raízes histórico-culturais, ou seja, algo que é passado de geração em geração, uma tradição cultivada. Esta realidade se faz ainda muito presente, e parece que mais forte no meio rural, quando percebemos um envolvimento na feitura das festas, bem como uma diferença no trabalho de homens e mulheres. O espaço público é ocupado pelos homens, enquanto as mulheres ficam no espaço privado como o do lar.

Antes da festa, os homens responsáveis por providenciar a carne reúnem-se para realizar a tradicional “carneação”. E no dia da festa fica a cargo deles assar o churrasco, vender as “fichas” de almoço e de bebidas e contabilizar as despesas e lucros pós-festa. As mulheres reproduzem o espaço do lar: fazem pães e cucas, maionese, preparam saladas, fazem o arroz, os doces, organizam pratos e são responsáveis pela limpeza do salão; também se envolvem com a arrecadação e o sorteio de prêmios, com as lembrancinhas e a organização da missa.

Cultivar estas tradições das festas é um movimento realizado pelas pessoas para, de certa forma, manter uma memória coletiva e local na qual a oralidade, os documentos, as fotos são instrumentos que permitem que haja repercussão e que as festas se popularizem.

Cada festa é uma repetição e, ao mesmo tempo, um evento único que marca a história da comunidade e a continuidade deste grupo. Existe a vontade de fazer a festa, o investimento, a recordação, as lembranças que ficam na memória das pessoas e são dados recorrentes nas conversas entre parentes e vizinhos, por um longo tempo após a festa.

É frequentando estas festas que muitas pessoas se conhecem, tornam-se amigos(as) e fortalecem as velhas amizades; é quando os jovens e os adultos namoram, casam, vão morar juntos ali mesmo na própria comunidade ou em outras. Se a visita aos vizinhos fica dificultada pela dura rotina de trabalho e a

falta de tempo, ir às festas aproxima as pessoas, quando essas veem nas festas um local de aproximação.

Por outro lado, as festas nas comunidades rurais servem também para aflorar nas mulheres participantes um cuidado a mais consigo mesmas. É quando investem na sua beleza. Arrumam cabelo, pintam unhas, usam alguma maquiagem, quando é de seu agrado, compram uma roupa nova ou utilizam aquela guardada que foi pouco usada, as quais elas denominam “roupa de sair, ou roupa de festa”. A presença em um espaço público faz com que isso aconteça, querem ser percebidas e estar bem arrumadas, de bem consigo mesmas<sup>7</sup>.

Estas festas comunitárias que observamos se inserem nos interesses sociais, que, segundo Marcellino (2000) integram “o relacionamento, os contatos face a face, o convívio social [...]”. Percebemos, portanto, que as festas se configuram como locais de trabalho, de divertimento, de encontros e de realce aos cuidados de si.

### **Considerações finais**

O lazer no meio rural ganha novos significados quando atividades sociais são incorporadas à rotina das pessoas, sobretudo das mulheres. Podemos dizer que as experiências religiosas, a rede de vizinhança e as festas comunitárias são oportunidades privilegiadas, porque possibilitam o contato social de criação e fortalecimento de laços, uma rede de sociabilidade, de aprendizagens, um modo de reforço das memórias coletivas, de reviver a tradição.

Estas três experiências relacionam-se e, de certa forma, se complementam no meio rural estudado. Os vizinhos se encontram nas festas e na igreja, estas viram assunto nas rodas de chimarrão e nas visitas. Assim, a vida se alimenta e continua. Deste modo, as mulheres camponesas, público-alvo de nossa pesquisa, inserem-se nesse ambiente das experiências de lazer na medida em que percebem nestes espaços a oportunidade de criação e fortalecimento de laços e a quebra da rotina.

Assim, as mulheres camponesas pesquisadas constroem um espaço próprio, mínimo, para viver a dimensão do lazer. Constatamos, ainda, as distinções entre o masculino e o feminino, que demarcam modos de construção social distintos. Para Lipovetsky (2006), encontramos-nos numa sociedade em modificações, tal como associamos as transformações da participação

---

<sup>7</sup> Percebemos tal situação ao entrevistar umas das mulheres no dia seguinte a festa e perceber suas unhas pintadas e também por nossas experiências nestes ambientes.

social das mulheres na acepção de igualdade de comportamentos, enquanto pessoa que procura seu próprio lazer.

Nosso investimento analítico não se propõe como conclusivo e explicativo, longe disso; apresenta apenas ordenações provisórias. Ele busca, sim, manter aberto o diálogo sobre essa problemática e uma abertura e contribuição ao debate. Esperamos que os resultados apresentados despertem para a necessidade de um conhecimento mais profundo das experiências de lazer vivido pelas mulheres camponesas, considerando suas diferentes configurações, notadamente, as diferenças internas que dizem respeito à geração e gênero.

## Referências

- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p.111.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. 2010. Portal Cidades. <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em: 08 jan. 2014. IBGE – **Cidades**. [cidades.ibge.gov.br](http://cidades.ibge.gov.br).
- LOURO, Guacira L. Nas Redes do Conceito de Gênero. In: LOPES, M.J.M. MEYER, D. E. WALDOW, V.R. (orgs). **Gênero e saúde**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1996.
- LIPOVETSKI, Gilles (2006). **A Felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo**. Edições 70, Lisboa.
- MACHADO, Maria das Dores C. (1994), **Adesão religiosa e seus efeitos na esfera privada - um estudo comparativo dos carismáticos e pentecostais do Rio de Janeiro**. Tese de doutorado. IUPERJ.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 9-27.
- SIMMEL, Georg. (1983), Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal. In: E. de M. Filho (org.), Simmel. São Paulo, Editora Ática, **Coleção os grandes cientistas sociais**.

WOORTMANN, Ellen F. **A comida, a família e a construção do gênero feminino**. Brasília, n.50, 1985.

Recebido em 2 de dezembro de 2014

Aceito para publicação em 3 de março de 2015